

CAÇADORES DA ALMA - EP LINGUAGENS E NARRATIVAS

Walter Firmo

Eu vou andando em uma senda, em uma trilha e estou com aquela metralhadora giratória. A minha atividade me dá uma performance vivencial e que me deixa inteiro na vida, sem a fotografia eu acho que estaria morto, já há algum tempo.

Bob Wolfenson

Eu na verdade advogo a ideia de estar em trânsito. Eu não seria nenhum fotógrafo se não fosse os todos outros que eu sou.

Orlando Azevedo

Uma boa foto sempre será um bom poema. O Bresson chamava esse estatuto um pouco, o tal do momento decisivo. Eu chamo, o momento incisivo. Incisão, uma perfuração na aorta literalmente.

Tornaghi

A fotografia é uma viagem de criação artística movida a diferentes técnicas de registro. Vai da Pinhole a popular pinhole que é a foto mais artesanal possível, onde basta uma caixa de sapato e uma película à processos mais sofisticados de captura da imagem, do analógico ao digital. Na raiz está o daguerreótipo, a primeira forma de registro fotográfico. Os fotógrafos constroem seus personagens tanto na vida quanto em si mesmos. A busca final é o encantamento da arte.

Walter Firmo

Eu vivo na emoção meu querido, sem emoção para mim não tem sentido.

Silvio Tandler

Eu sem você não estaria fazendo essa série. Essa série começou contigo.

Walter Firmo

Por causa daquela frase 'Lapidar', que eu fiz sem querer. Somos caçadores da alma.

Imagem de arquivo Caçadores da Alma 1 Vou tirar um pouco da sua alma, olha aqui, você nunca mais escapa de mim.

Eu caí em uma asneira, coisa de uns 8 anos passados em uma entrevista, de dizer que: "a fotografia digital era inexistente. Jamais haveria". Três, quatro anos depois me transplanto para a digital. Me acostumei, me modernizei e que acho supimpa. Eu penso muitos nesses resultados, de o que me fez ser um fotógrafo conhecido né? Porque eu queria, apenas, trabalhar com uma indumentária, nada verbal, em que eu pudesse atrás, daquela máquina, ocupando todo aquele espaço de sedução através dos ouvidos das pessoas. Eu queria mudar o sistema de uma única verdade, aquela incisiva, necessária e fatal e que tem que ser primordial, o do Kappa a da guerra. Mas eu queria algo mais, algo mais sutil. Alguma coisa que trabalhasse com uma organização visual onde as luzes laterais, o ponto de fuga, as paralelas, as diagonais pudessem emocionar aquele comprador de jornal, que está

tomando café pela manhã, e não está vendo sangue não está vendo choque de veículos, não está vendo a vida como ela é.

Silvio Tandler

Qual é a sua foto mais requisitada ?

Walter Firmo

O público é que vai dizer o que é que gosta, o que quer, e o Pixinguinha ficou sendo meu detalhes do Roberto Carlos.

Então, estou na beira do rio Amazonas, em uma daquelas casas, que tem aquela coisa sazonal da cheia, o rio sai da sua caixa e inunda. Eu tinha visto um quadro de Cristo Redentor, pendurado na parede, e aí eu pergunto ao dono da casa, e digo: “ porque o Cristo Redentor, essa imagem de Cristo na parede? “ ele disse: “ ah! Cristo tarda mas vem”. Quando ele disse isso eu vi uma fotografia.

Maria Di Hagge

O menor laboratório do mundo ... A brincadeira, a brincadeira. Eu sempre vi a fotografia como um meio de brincar com o outro, saca ? E eu quando perdi a minha câmera, eu tinha sido furtada, e eu me reergui propus uma brincadeira, que era uma câmera um chaveirinho que eu tinha, que ela dava um flash e tudo menino. E aí eu fui no Photo Rio, né ? “ Você quer fazer uma foto? Um retrato no menor laboratório do mundo” e peguei e colocava a camerazinha dentro do laboratório, dava-lhe uma mexida e tal. E aí eu tirava um retrato, era um desenho que eu fazia de canetinha, mas são únicos. Foi assim que aconteceu, pelo fato de eu não ter uma câmera eu dei a volta por cima criando um trabalho que eu pudesse estar em *touch* com as pessoas, né? Brincar cara.

A amazônia que se descortinou para mim, foi a onírica, que ela só existe na minha imaginação, sabe? No meu credo que é a fotografia, né cara. Mais através da Pinhole e era engraçado, porque na pinhole você não vê o que você está fotografando. É uma fotografia às cegas que se intui, que se percebe. Você não tem o domínio, e logo eu ... Eu, eu acho que eu sou salvaguardada por um anjo da guarda imenso e verde, porque a mata sempre me deu as boas vindas. Eu sou de lá, estou até com uma camisa que me deram, “like a rolling stones” mas com a bandeira do amazonas. É a minha terra natal.

Vilma Slomp

Fotografia é luz. Mas eu gosto de pensar bastante em relação a imagem que eu vou fazer, então eu acho que pelo fato de eu ter esse facilitador interno, no sentido de não querer apertar o botão o tempo todo e ter certeza daquilo que eu vou fazer. Somos mutantes, aquelas coisas que tem várias peles, transformação, a gente tem um limite daquilo que a gente sabe que a gente vai fazer, e a partir do momento que você se dá um desafio você vai se conhecer e conhecer uma nova história para você se ver diferente.

Eu atualmente estou fazendo viagens pela Amazônia, fiz duas viagens, que na verdade deram 3.600 quilômetros fotografando a população ribeirinha. Eu não sei quem eu sou, lá nesse mundo, mas eu sei que eu me transformo em uma pessoa muito feliz de estar lá

dentro de uma natureza muito interessante, com pessoas, espaço diferente no planeta, a Amazônia é um espaço diferente especial no planeta.

Arthur Omar

A fotografia é uma arte limitada. Eu não vou decalcar o real, só vou dentro do real até o ponto em que ele pode se revelar como algo que não tem nome. Ela não vai além desse contato de uma coisa com a outra, de sujeito e objeto. O espaço que está aqui e o espaço que está ali, além dali para frente a fotografia já é informação. Grande parte desse conhecimento fotográfico, ele é fruto do acaso, ele é fruto de algo que eu não posso prever, ele é fruto de uma relação imprevisível e instantânea que dura uma fração de segundos. Eu faço ali uma profissão de fé da fotografia que a gente chama de estática, ou fotografia fixa ou um estilo como a arte do movimento. É o movimento da imagem, é o movimento da percepção e em última instância é o movimento do meu corpo em relação ... Não é a câmera, não é nenhuma forma de conhecimento específico que você possa ter de um determinado assunto, mas é a experiência sua dentro de um determinado espaço e que você vai poder pilotar essa experiência interna para produzir a imagem. Uma série fotográfica como a “ Antropologia da Face Gloriosa “ é uma maneira da minha subjetividade e, até mesmo do meu corpo, me colocar dentro da realidade. Era uma forma da minha mente e do meu olhar se situar dentro do espaço empunhando a câmera completamente diferente dos procedimentos metodológicos da “Antropologia da Face Gloriosa”.

Todo esse projeto que eu desenvolvo, que é um projeto até hoje interminável, embora já tenha percorrido 90.000 km do Brasil. É sempre a documentação do patrimônio humano natural, mas sempre também no interior. Me interessa exatamente essas artérias do interior.

Fiz todas as etnias. Sabe o que que é isso ? Fiz russos brancos que hoje muito dificilmente alguém consegue, às vezes, nem te deixam entrar. Porque há um série de fatores, porque eles foram invadidos da sua privacidade, não respeitaram seu território seu universo. Fiz desde russos brancos, sul(?), italiano, ucraniano, polonês, alemão, japa, todos.

Tem muita importância, em certos aspectos, a questão climática. Eu, por exemplo, adoro fotografar com chuva. Amo fotografar com chuva, amo fotografar com luz baixa que é uma tenda natural e que evita certas coisas. Como é fotografar com a luz do sol e que me dava alometria, me dava sombra, me dava projeção. A fotografia tem uma regência, tem definitivamente um estatuto no meu entendimento, quer na parte técnica, quer na parte estética. Que é exatamente a relação profunda que a fotografia estabelece. Então é um trabalho de muita entrega e ao mesmo tempo uma coisa muito kamikaze.

Luiz Garrido

Eu não sou um andarilho de fotografar rua. Eu bolo um retrato, uma ideia já pré concebida do que eu quero. Esse processo de criação é um processo de... É uma fermentação, a criação é uma fermentação.

Eu estou com um projeto, finalizando, de um livro meu que eu comecei em 1985, que é um livro chamado “Alguns” e ele conta o retrato do Brasil. Então o livro é baseando os retratos compondo esse ponto e contraponto desse país louco.

Cris Bierrenbach

São muitas variáveis que fazem com que você pense a fotografia, pense aquilo que está sendo ... É um outro tempo. A fusão daguerreotípica, se eu quiser fotografar direto na chapa, para começar eu preciso ter uma quantidade de luz absurda, então não é qualquer dia que eu posso fotografar, não é qualquer lugar que eu posso fotografar, a pessoa tem que ficar 30 segundos se for uma pessoa. Então se eu quero fotografar um objeto eu vou ter que colocar uma câmera que é grande, posicionar câmera, medir a luz, fazer o cálculo de conversão pro tanto que é menos sensível pro daguerreótipo. O tempo que eu desprendi olhando para aquel objeto, e aí você começa a entender cada curva, a luz, a sombra, como que ela faz. Eu acho que é outra compreensão.

Eu acho que o interessante do trabalho é isso, né ? Cada um traz uma descoberta nova, um experiência nova. Então uma coisa que eu nunca tinha feito na minha vida, eu nunca tinha segurado uma arma, e aí esse trabalho exatamente arma de fogo. São 10 autorretratos e são 10 profissões, então são 10 mulheres profissionais. A executiva, a recepcionista, a varredora de rua, só que aí eu faço essa foto, imprimo a foto em tamanho real e aí eu levo isso para o stand de tiro e destruo o rosto delas. Porque na verdade não é o meu retrato que eu quero fazer com isso, mas um retrato dessa mulher profissional, que pode ser qualquer uma.

Gal Oppido

Você transmite muitas vezes uma sensação, não exatamente por aquele código, que de uma certa maneira você tentou elucidar. Você pode oferecer uma imagem que a pessoa sente que tem um cenário que algumas situações que de uma certa maneira intrigam. Eu penso que eu tenho que revelar talvez um objeto fotográfico, um objeto de imagem, que possa revelar essa inquietação que eu tenho em relação as outras coisas. Por exemplo, esse piercing na glândula do pênis, ele lida não só com uma parte sensível, mas como uma parte que tem um caráter simbólico que é um dos órgãos responsáveis pela fertilização, da vida e de toda a cultura que se desenvolve aí. Então essa dor envolve tudo isso.

A cruz é o primeiro ornamento, artístico, que o caráter dele é erótico. Porque ele representa a penetração do homem na mulher. O eixo vertical, o homem a penetrando e a mulher na horizontal recebendo. Aí eu fiquei extremamente inquieto porque “ nossa é uma vetorização, não é uma representação pictórica, figurativa”.

Isabel Lima

A fotografia para mim foi uma irmã. Quando eu comecei a fotografar, assim quando eu tava sofrendo, eu precisava ... Eu ainda não sabia o que eu queria. Eu fui criada com muitos tabus, né? Tinha muita vergonha do meu corpo. A imagem de nu foi isso, eu insisti em fotografar o nu para mostrar que o nu é uma coisa bonita, é uma obra de arte.

O corpo da mulher é muito usado na publicidade, é muito usado, e aí eu falei assim: “eu queria mostrar a força que nós mulheres temos” . A ideia de fazer o auto nu é porque eu não tenho que ter vergonha do meu corpo, eu quero protegê-lo da violência. Eu tinha que me tranquilizar porque aquela pessoa que eu estava fotografando, eu tinha que explicar para ela que eu não ia usar o corpo, eu queria comunicar com ele.

Bob Wolfenson

Eu acho que tem uma coisa em mim meio serialista. Eu vejo coleções de coisas muito... Se há alguma semelhança, os conteúdos muito diferentes porém há uma semelhança formal.

Eu fiz uma série chamada “Apreensões”, uma série grande que eu também tive uma idéia, uma vez vendo uma foto pequena no jornal das apreensões do Abadia, eu olhei aquilo e pensei: “Bom, isso aqui já é uma instalação de arte contemporânea pronta. Está tudo aí, todos os brasis, todas as...” tem um painel sobre a humanidade de hoje. Quando eu expus este trabalho todas as pessoas... A minha persona pública é ligada a esse trabalho de moda, mulher, publicidade. Aí o sujeito foi lá me entrevistar e falou assim: “ Mas como é que você faz um trabalho desse?” e eu falei: “Bom, eu quis fazer e pude fazer e como cidadão eu fiz”.

Eu financio os meus trabalhos, não dependo de leis, não dependo de patrocínios, independência máxima. Esse trabalho é isso, se chamo “ Nós Outros”, são pessoas 1 minuto antes, 1 segundo ou iminentemente atravessando a rua, pelo mundo todo. Todas as questões aí, que estão em uma situação dessas que é: comportamento, moda, as grandes cidades, os movimentos de locomoção, pertencer a uma massa e ao mesmo tempo ser único. Eu vou nas observações, eu olho aqui e falo: “ Ah, esse lugar aqui passa bastante gente, é legal” e é assim que eu faço.

Quando eu fui olhar o meu trabalho fotográfico, principalmente as fotos de nus e as de moda, sempre eu via uma coisa voyeurística mesmo, era uma interposição entre eu e a mulher nunca era muito direto, o meu trabalho. É engraçado, porque quando você está trabalhando para uma revista masculina, você pensa assim: “Bom, eu não vou ficar fazendo o bom gostista para fingir que eu não estou fazendo mulher nua. Pelo, peito, bunda, cara e ao mesmo tempo eu vou ficar fazendo trabalho bom gostista e fingindo que não é”, então tem esse conflito.

Eu acho que a fotografia de moda, fotografia de publicidade, fotografia de moda é ficção. Eu acho que a fotografia contemporânea, toda ela... Mesmo a fotografia de museus, essas fotografia de galerias passam por photoshop, não tem conversa. O Photoshop na verdade, ele veio ao encontro de um desejo, ele já existia antes, os monstros sagrados da fotografia usavam aerógrafo, retoques, giletinha, pincelzinho, tudo era retocado.

Tornaghi

Mesmo os grandes fotógrafos de moda, cujo limite é a imaginação, terminam na busca do documento. No caso de J.R Duran, o desafio é a procura pelos ancestrais em personagem de cinema, que encontra.

J.R Duran

A beleza tem que ter personalidade. Mesmo que seja um objeto, uma paisagem, uma pessoa, tem que ter alguma coisa a mais que toca. Eu diria personalidade, eu diria alma, eu diria, alguma coisa mais profundo em que você enxerga naquilo lá, alguma coisa incrível.

A minha área de atuação, que é uma área que geralmente é moda, publicidade essa coisa toda. Que são universos que não existem, a gente fica criando esses universos. Acho que eu sou um an-tipo de um fotojornalista eu não tenho um compromisso com a verdade. Mas a tendência das pessoas que fotografam nesse universo, ele fica muito engessado, eu tento que as minhas fotos sejam verdadeiras. O que é um paradoxo, porque as minhas fotos são falsas. Falsas no sentido de que eu construo esses universos imaginários com pedacinhos de cada coisa. Uma modelo que me empresta alguma coisa, ou um lugar, ou uma luz ... O que eu tento fazer é que isso seja o mais verdadeiro possível dentro de todo o seu processo de imaginação. Era uma pessoa super tímida e a fotografia é uma maneira de chegar perto das pessoas. Com o tempo aconteceu essa coisa das modelos e da moda, mas sempre as pessoas me interessavam, e foi assim que eu fui para a Angola. Fui para lá e fotografei as pessoas, a minha maneira de fotografar essas pessoas é a mesma coisa que eu fotografo aqui em São Paulo, em Nova Iorque ou em qualquer lugar. Eu vejo tudo no mesmo plano, apesar das pessoas estarem em situações diferentes eu vejo tudo interconectado porque as coisas que me interessam e que eu gostaria de conhecer e ver de perto.

Você pode perguntar para um fotógrafo as fotos que ele fez. Mas se você perguntar para o fotógrafo fotos que ele não fez são muito mais vivas do que as fotos que fez. Obviamente porque são menos numerosas. Na estrada do gorila tinha uma recomendação dos caras de que se o gorila ficasse putíssimo e batesse assim, essa coisa do Tarzan, que o que você tinha que fazer é se agachar e fazer submissão. Obviamente, eu tento aquilo para fazer uma foto melhor, eu fiquei no caminho do gorila e ele ficou putíssimo. Então o que que eu fiz quando o cara ficou puto? Eu me agachei e botei minha cabeça no chão, e o gorila passou por mim, putíssimo e foi embora. E aí eu perdi a minha foto do gorila putíssimo porque eu estava seguindo instruções. Podia ter sido um pouco mais imprudente e teria uma boa foto.